
Máquinas com gênero: Uma análise da TARDIS na série Doctor Who¹

Nicolý Cristina da Rocha GREVETTI²

Rodrigo Miranda BARBOSA³

Universidade Federal de Pernambuco, PE

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo responder a pergunta: É possível encontrar na personagem TARDIS os mesmos signos que encontramos nas IA assistentes digitais em outras obras de sci-fi? Para responder essa questão foram utilizadas os trabalhos de Judy Wajcman (1998), Michelle Perrot (2007), Teresa De Lauretis (1987), Laura Mulvey (1973) e Serge Moscovici (1961), juntamente com uma análise da personagem antropomorfizada. A conclusão é de que a mesma possui signos que fazem a manutenção de estereótipos da mulher na ficção-científica e no audiovisual em geral.

PALAVRAS-CHAVE: Assistentes digitais; ficção-científica; representação social; crítica feminista; tecnologia de gênero.

Contextualização, teorias e metodologia

A posição das assistentes pessoais digitais nas nossas vidas diárias se assemelha aquela que as secretárias ocupam em um contexto profissional. Elas cuidam da nossa agenda, dos nossos horários, tarefas, criam listas de compras, fazem pesquisas. Assim como as secretárias, quando pensamos em assistentes digitais pensamos em mulheres ocupando esse lugar. Essa construção social está ancorada também em representações midiáticas e pode ser esclarecida a partir dos conceitos de tecnologia de gênero, representação social e na análise crítica feminista do audiovisual.

A tecnologia de gênero, segundo Wajcman (1998), corresponde a maneira que divisões sociais de gêneros e crenças criadas a partir delas influenciam na mudança tecnológica. A autora coloca o preço do trabalho da mulher como uma das principais maneiras dessa interação. Quando historicizamos o trabalho da mulher na sociedade,

¹ Trabalho apresentado no GP Tecnologias e Culturas Digitais, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), email: nicolygrevetti@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), email: rodrigo.mbarbosa@ufpe.br

logo se observa que muitas das profissões atribuídas a elas através dos anos são relacionadas ao cuidado (Perrot, 2007). Para a Wajcman (1998) é justamente essa relação histórica, vista socialmente como um dom natural da mulher que vai resultar na subqualificação do trabalho feminino, sua desvalorização e como consequência, o tornar mais barato.

Outra definição para o que seria uma tecnologia de gênero vem de Teresa De Lauretis (1987) que aborda o conceito a partir da representação e do cinema. A autora faz uma relação com a crítica feminista ao cinema, que através de conceitos como o *male gaze*⁴, elabora a ideia de um olhar fetichista e voyerista para a mulher dentro das produções cinematográficas. De Lauretis (1987) afirma que através de técnicas como iluminação, enquadramento, edição, montagem, narrativa e até mesmo códigos cinematográficos se exerce uma grande sexualização do corpo da mulher. Para ela o aparelho cinematográfico, como uma tecnologia, utilizaria de suas tecnicidades, códigos cinematográficos e discursos para fazer a manutenção de uma representação social feminina estereotipada e objetificada.

A questão da representação social é abordada pela primeira vez por Serge Moscovici (1961). O autor compreende que um grupo social pode traduzir conceitos e ideias não comuns - a partir de experiências, crenças e trocas com outros - para assimilar a algo já familiarizado nas tradições. Moscovici acredita que todo indivíduo é influenciado pelos contextos sociais e interações com o outro e com a mídia (Pavarino, 2003). Essa influência acontece, pois, ao receber a informação de um conceito novo, do qual não se tem conhecimento, o indivíduo realiza uma tradução/representação criada a partir de conhecimentos prévios, que levam em conta tradições e valores mantidos e compartilhados com o grupo ao qual pertence.

Dessa forma, muitas representações perpetuam preconceitos e estereótipos, assim como também são usadas para a manutenção de uma ideia/discurso que favoreça uma parte hegemônica da sociedade. Esse último ponto fica claro na teoria da Crítica Feminista do Cinema, neste trabalho trazida através de Laura Mulvey (1973). A partir de observações ancoradas na psicanálise, a autora entende o papel da mulher no cinema como um objeto de desejo e fetichismo voyeurista.

⁴ A crítica feminista do cinema, será melhor elaborada no próximo tópico, juntamente com De Lauretis (1987) e Moscovici (1961), a partir de Laura Mulvey (1973).

Mulvey (1973) vai criar o conceito de *male gaze*, que em tradução seria algo como o *olhar masculino*. Ele corresponderia a esse olhar lascivo, que objetifica a mulher e projeta sua fantasia na figura feminina, que através disso vai ser caracterizada e colocada na narrativa de forma fetichizada (Mulvey, 1973). Assim, tanto dentro como fora da tela, a mulher está ali para ser olhada e desejada pelo homem. Ela vai ser o interesse romântico, objeto de desejo, vai ser sexualizada e erotizada (Mulvey, 1973). A autora também entra em questões que envolvem as tecnicidades do cinema, como a *narrativa* que coloca a mulher como interesse romântico do protagonista, o *jogo de luz e sombras* que fazem com que a mulher desperte uma curiosidade, o *zoom* que daria enfoque em uma parte do corpo da atriz, a deslocando ao local de objeto desejável.

As representações audiovisuais⁵ de mulheres enquanto secretárias e das assistentes digitais enquanto mulheres, se alimentam da associação que fazemos desse gênero a esse trabalho de cuidado - cuidar de horários, compromissos, agendas. As assistentes digitais são dispositivos de inteligência artificial com interfaces comunicacionais baseadas na interação por voz (Santos, 2020). As associações dessas tecnologias à mulher - através da relação do gênero com o secretariado - vão ficar claras nas entrevistas de Luiza Santos (2020) com usuários dessas tecnologias.

Hoje as mais populares como Siri (Apple) e Alexa (Amazon) são referenciadas no feminino e seu “gênero” e “personalidade” padrão são representações da construção social do feminino (Santos, 2020). Em falas dos entrevistados podemos notar a “divisão sexual do trabalho e a associação das mulheres com as tarefas executadas por secretárias, assim como a própria predominância de mulheres nesse tipo de emprego, que consiste em prestar auxílio” (Santos, 2020, p. 353).

Tendo em mente esse contexto, essa pesquisa começou sua construção a partir de uma análise qualitativa, pois procurou entender e relacionar os signos trazidos pela personagem/tecnologia *TARDIS* nas representações construídas socialmente (Moscovici 1964) da mulher como assistente digital e da mulher no cinema (Mulvey, 1987; De Lauretis, 1973).

A *TARDIS*, - abreviação de Time and Relative Dimension(s) in Space - é uma tecnologia presente na série de ficção-científica britânica, Doctor Who. O programa foi

⁵ Em relação às secretárias, alguns exemplos são a série de filmes 007 e a personagem Money Penny; Mulher Maravilha (2017) e Etta Candy; a animação Monstros SA (2001) que traz Célia Mae. Em relação às assistentes digitais temos representações em *Alien* (1979), *Blade Runner* (2017) e *Ela* (2013), com as AIs Mãe, Joi e Samantha respectivamente.

escolhido por ser a série mais antiga ainda em produção do gênero de *sci-fi*, com seu primeiro episódio em 1963, reverberando dentro do gênero *sci-fi* e acumulado fãs em todo o globo (Roberts, 2018). A TARDIS é uma nave que viaja através do tempo e do espaço e apesar de não possuir uma voz, ela se comunica através de sons, bem como apresenta vontade própria. Mais de uma vez ela recusou-se a abrir sua porta e até mesmo decolou sem nenhum comandante (Doctor Who, 2024).

Apesar de ser uma máquina, ela ultrapassa noção de algo apenas material. Não se sabe muito bem como ela funciona, mas ela possui dentro de sua lataria um coração, que podemos relacionar com algo semelhante a uma *alma*⁶ e que nunca fica muito bem explicado dentro do programa, mas que está cheia de “energia vortex” (What is..., 2023). Mas, ela se enquadra como uma IA assistente, pois é uma inteligência criada tecnologicamente, que tem como função o gerenciamento de um sistema de navegação.

A análise desse objeto baseou-se na Análise de Conteúdo de Bardin (2016), dividida em: *pré-análise* em que a obra mencionada foi escolhida - devido sua relevância no gênero *sci-fi* - e a hipótese foi elaborada a partir dos textos e teorias previamente pesquisados. Os indicadores que foram utilizados baseiam-se nas codificações apontadas por Mulvey (1973), sendo divididos em categorias: a) interesse romântico; b) objeto de interesse/desejo; c) sexualização ou erotização; d) passividade em relação ao protagonista masculino; e) objeto de fetiche e/ou posse. Na *exploração de material* foi analisada a participação da TARDIS antropomorfizada na narrativa, a partir das categorias mencionadas acima. No *tratamento de resultados* elaborou-se conclusões a partir das observações feitas do personagem e os signos identificados.

Análise: A representação da Tardis e suas versões na série sci-fi Doctor Who

Este trabalho analisará o objeto partindo da temporada iniciada em 2005 - onde a série é renovada após um longo *hiatus*, sendo referenciada como *New Who* - até 2023. Serão analisados os episódios 1) *Seguindo Caminhos Separados* da temporada de 2005 e o episódio 2) *A Esposa do Doutor*, da temporada de 2011. Esses episódios trazem uma versão antropomórfica da TARDIS, que se apresenta como mulher (aparência, trajes, voz) nos dois momentos. Enquanto tecnologia, o gênero da TARDIS pode ser

⁶ Podemos até nos questionar se ela se encaixa de fato como uma IA, devido ao fato de possuir algo além do material/tecnológico e não produzir uma comunicação direta e semelhante ao humano. Mas a TARDIS é uma inteligência - ou ser - fabricada por uma raça alienígena, que tem como objetivo comandar as funcionalidades de um meio de transporte. Ela é consciente e objeto de interações, mesmo que limitadas.

indefinido, porém, toda vez que houve a escolha de antropomorfização da personagem dentro da narrativa, a mesma tomou uma forma humana feminina. Dessa forma, para esta pesquisa sobre gênero, fez-se a escolha de analisar esses momentos.

Passamos então para a análise do episódio 1) *Seguindo Caminhos Separados*. A TARDIS se recusa a decolar ao encontro do Doutor, que está em uma situação de perigo. A personagem Rose, presa dentro da nada, consegue abrir o painel de comando da TARDIS a força para obrigá-la a decolar. Nesse momento a *matriz* da máquina é exposta, a parte da máquina que pode ser relacionada ao conceito humano de alma. Ali está contida a *energia vortex*, ou seja, todo o conhecimento do tempo e do espaço.

A *alma* da TARDIS acaba possuindo Rose como um espírito. A junção das duas dá origem a uma terceira personagem, conhecida na saga como *The Bad Wolf Girl*. A mesma se apresenta como um ser poderoso e é capaz de trazer todas as pessoas do local de volta à vida com seu poder de regeneração. Por ser uma humana, o corpo orgânico de Rose não aguentaria o poder da matriz da TARDIS por muito tempo, fazendo assim com que o Doutor seja obrigado a retirá-la de dentro da *companion*. Ele faz isso através de um beijo, absorvendo dentro de si o poder do vortex e Rose então desmaia. O Doutor devolve a matriz para dentro do console da nave, que volta a se comportar como uma máquina, uma tecnologia.

Podemos observar a partir desse resumo a quais categorias a TARDIS enquanto *Bad Wolf* corresponde. Somos apresentados a um ser muito poderoso, mas ao mesmo tempo muito frágil e fadado à destruição. O protagonista masculino acaba com seu sofrimento com um beijo. A *Bad Wolf* também faz a manutenção de um tropo narrativo comum no sci-fi onde mulheres são salvas pelos protagonistas masculinos (Autora, 2023). Dessa forma, no episódio 1, TARDIS corresponde às categorias a) interesse romântico e d) passividade em relação ao protagonista masculino.

No episódio 2) *A Esposa do Doutor*, Idris é utilizada como receptáculo para a matriz da TARDIS, quando o Doutor atraca em um asteroide localizado fora do universo. Logo quando pousa, a energia da nave é sugada completamente e transferida para a mulher. Assim que o Doutor sai de sua nave, uma mulher desconhecida vai em direção a ele agitada, dizendo “você é meu ladrão” e em seguida lhe dá um beijo não consentido na boca. Essa é a primeira interação entre eles.

Idris, fala coisas sem sentido, afirmando estar dando respostas de perguntas que ainda não vieram. A figura da mulher é misteriosa para o Doutor e seus *companions*. Ela é colocada em uma jaula para que não ataque mais ninguém e passa uma parte do episódio presa, chamando pela ajuda do Doutor. Quando ele enfim vai ao seu encontro ela revela quem é e emite o som característico da TARDIS. Idris começa a recordar memórias com o protagonista. Nesse momento o Doutor, reconhecendo a verdade, lhe diz “minha TARDIS” ao passo que a mulher responde “meu Doutor”. Aqui, entendemos que há uma interação de posse que parte de ambos.

Outro momento que ressalta na máquina enquanto mulher neste episódio é quando o Doutor pergunta a TARDIS se ela tem um nome, ela afirma se chamar Sexy, pois é assim que ele a chama quando estão a sós, dando a entender uma relação romântica. Na cena seguinte, ocorre uma verdadeira discussão de relacionamento entre os dois. Idris afirma que ele não tem maturidade, que nunca seguiu regras e o Doutor afirma que ela não é sua mãe, com o que ela concorda. A discussão entre os dois traz argumentos e modos de agir que se assemelham a outras discussões de relacionamentos amorosos abordadas no audiovisual.

Mais tarde, ao descobrir que Idris é a TARDIS, a personagem Amy faz uma brincadeira, dando a entender que era uma grande vontade do protagonista a TARDIS ser uma mulher. Ao se despedir, já morrendo, Sexy/Idris verbaliza em um último suspiro que o ama. Ela volta a ser uma tecnologia de navegação consciente.

A partir daqui, podemos identificar quais categorias correspondem à representação da TARDIS no episódio 2. O tropo de ser salva pelo protagonista vai se repetir aqui também. Por parte do enredo ela é uma incógnita para o Doutor, reforçando um mistério ao redor da personagem que a faz instigante para o protagonista, objeto de interesse do mesmo (Mulvey, 2007). A primeira interação entre os dois é um beijo, uma demonstração social romântica. Podemos relacionar a partir daí a escolha do nome do episódio 2, *A Esposa do Doutor*. Desde o título, está implícito um relacionamento amoroso. Essa ideia é reforçada quando temos a retomada das lembranças, a noção de posse compartilhada e a discussão posterior, que se assemelha a uma relação de casal.

Ela é apontada também como um desejo do protagonista que se tornou realidade. O nome que a personagem atribui a ela mesma, Sexy, reafirma o lugar dela de objeto de desejo do homem, bem como sua sexualização. Aqui, a erotização, além de estar

presente nos códigos da personagem está de forma explícita em seu nome, mesmo que trazido com uma intenção cômica. Podemos observar que a representação da TARDIS no episódio 2 corresponde a todas as categorias elencadas nesta pesquisa: a) interesse romântico; b) objeto de interesse/desejo; c) sexualização ou erotização; d) passividade em relação ao protagonista masculino e e) objeto de fetiche e/ou posse.

Considerações finais

A partir da análise presente nesta pesquisa foi possível responder a pergunta instigada no início deste trabalho: Sim, encontramos na TARDIS signos semelhantes aos observados em outras IA's na ficção e na crítica feminista ao cinema. Esses códigos emergem à superfície quando a TARDIS é antropomorfizada e representada como uma mulher-máquina. Para além, ela também traz a subserviência enquanto tecnologia de navegação, algo inerente às personagens de assistentes pessoais digitais nos produtos audiovisuais.

Por fim, ao se fazer a escolha da TARDIS como uma mulher também se mantém e reforça a ideia social de que profissionais de secretariado e conseqüentemente, assistentes digitais, são mulheres. Esses códigos narrativos fazem a manutenção dos estereótipos ligados não só as AI assistentes no sci-fi, mas também ao lugar da mulher dentro do gênero e dentro da produção audiovisual como um todo.

REFERÊNCIAS

- AMÂNCIO, Adriana. Trabalho precário de mulheres sustenta indústria do jeans em Toritama. Marco Zero, 2023. Disponível em:
<https://marcozero.org/trabalho-precario-de-mulheres-sustenta-industria-do-jeans-em-toritama/>
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.
- DE LAURETIS, Teresa. The Technology of gender. Technologies of gender, Indiana University Press, 1987, p. 1-30.
- DOCTOR Who. Russel T. Davies. Reino Unido, BBC, 2005-atual. Exibida no Brasil pelo Disney Plus.
- GREVETTI, Nicolý. As mulheres no Sci-Fi: o machismo e a misoginia nas representações femininas em filmes de ficção científica. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social) – Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2023.
- MOSCOVICI, Serge. La psychanalyse, son image et son public: étude sur la représentation sociale de la psychanalyse. Paris: Presses Universitaires de France, 1961.

MULVEY, Laura. Prazer Visual e Cinema Narrativo. Universidade de Wisconsin, Madison, 1973. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/folder/view.php?id=2777585>

PAVARINO, Rosana Nantes. Relevância da teoria das representações sociais para as pesquisas em comunicação de massa. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

PERROT, Michelle. Minha História das Mulheres. São Paulo: Contexto, 2007

ROBERTS, Adam. A verdadeira História da Ficção Científica: do preconceito à conquista das massas. São Paulo: Seoman, 2018.

SANTOS, L. C. 'Sou do gênero feminino em personalidade': as relações entre gênero e tecnologia no caso das assistentes pessoais digitais. In: XXX Encontro Anual da Compós, 2021, São Paulo. Anais do XXX Encontro Anual da Compós, 2021. p. 1-22.

WHAT is the TARDIS? Doctor Who, 2023. Disponível em:
<https://www.doctorwho.tv/news-and-features/what-is-the-tardis>